

Crédito Flexível

Economia Brasil

Quando aborda questões internas, que tratam do quotidiano ou de temas burocráticos, o presidente Fernando Henrique dá claros sinais de inapetência para a rotina do poder. Mas sempre que participa de fóruns internacionais nos quais são discutidos problemas geopolíticos, desporta a excelência de sua formação acadêmica e o evidente gosto pelo exercício da liderança continental. Ao discursar na solenidade de abertura da VI Cúpula Econômica do Mercosul, promovida pelo Fórum Econômico Mundial, no Rio, Fernando Henrique falou com propriedade sobre a relação dos países com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e mostrou mais uma vez que esse é o cenário onde se sente à vontade.

Ao propor mudanças nos critérios contábeis do FMI, o presidente da República expôs preocupação comum a todos os países que se endividam com instituições multilaterais de crédito. Para Fernando Henrique, o critério usado pelo FMI "está sufocando gravemente a capacidade do governo federal de atuar na área de saneamento". Hoje, mesmo que um empréstimo seja parcelado em 30 anos, o Fundo o contabiliza pelo total, esgotando rapidamente os limites de crédito dos países necessitados. O ideal, na opinião do presidente, é que o FMI modifique seus cálculos de forma que a contabilidade considere apenas o valor sacado a cada ano, e não a totalidade do empréstimo no ano em que foi aprovado. "Se queremos o desenvolvimento sustentado, tanto no plano mais geral, por exemplo o

meio ambiente, como no social, nós teremos que rever certas políticas macroeconômicas e certas visões que se tem", advertiu.

A sugestão do presidente Fernando Henrique não poderia ter sido mais oportuna. Enquanto o presidente exigia maior flexibilidade contábil do FMI, o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) divulgou relatório em Washington, mostrando que a América Latina, com US\$ 3.700, detém a terceira pior renda *per capita* do mundo, à frente apenas da África (US\$ 1.500) e de países da Ásia, excluído o Sudeste (US\$ 3.500). A instituição reconhece avanços estruturais na região, mas afirma que a América Latina entra no século XXI com ritmo de crescimento econômico modesto, se comparado aos padrões mundiais. Ao comentar o relatório, o presidente do BID, Enrique Iglesias, afirmou que, sem crescimento vigoroso, as metas de redução da pobreza não serão alcançadas.

Iglesias está certo: o crescimento é o único caminho para reduzir as desigualdades e aumentar a renda dos países latino-americanos. Dificilmente, porém, esses mesmos países terão condições de se desenvolver com as próprias forças. Resta esperar que o recado de Fernando Henrique sensibilize os responsáveis por organismos multilaterais como o FMI e o próprio BID. Já é tempo de mudar os critérios do crédito internacional, que deve se constituir em mecanismo de riqueza e progresso, e não em fator de recessão e empobrecimento.